

Feira SP-Foto perde galerias de peso em edição virtual, mas reúne mais casas

Evento caçula da SP-Arte que também migrou para o digital amplia lista de participantes com coletivos e espaços iniciantes



23.nov.2020 às 12h00

🔊 Ouvir o texto A- A+

Clara Balbi

SÃO PAULO Três meses depois de a [SP-Arte migrar para o digital](#), agora é a vez da SP-Foto, sua irmã caçula especializada em fotografia, estrear uma edição online. O evento começa nesta segunda (23) e dura uma semana.

Participam dele mais de 50 galerias, cerca de 20 a mais do que na [última edição](#), realizada no shopping JK Iguatemi, na região oeste da cidade.

A lista de exibidores de agora é um pouco diferente daquela do ano passado, porém. Ficaram de fora algumas das casas contemporâneas mais fortes de São Paulo, como Fortes, D'Aloia & Gabriel, Mendes Wood DM e Vermelho. E entraram uma série de coletivos, a maioria ligados a pautas em voga hoje.



Detalhe de 'Modificação e Apropriação', obra de Gretta Sarfaty de 1980 (reeditada em 2020) exibida no estande da Central Galeria da SP-Foto 2020 Gretta Sarfaty/Cortesia Central Galeria



Já o grosso da feira é formado por três perfis de galerias. Aquelas de mercado secundário, que lidam com trabalhos vindos de coleções anteriores e, por isso, preços mais elevados; as especializadas em fotografia, que podem ou não trabalhar com o mercado secundário; e as mais jovens, que trabalham com artistas em início e meio de carreira e preços que variam dos R\$ 5.000 aos R\$ 50 mil.

Os dois primeiros perfis parecem apostar alto em imagens do [Foto Cine Clube Bandeirante](#), fundado na passagem para os anos 1940 por um grupo de amadores em São Paulo.

O terceiro grupo, de galerias iniciantes, corresponde a quase um terço desta edição. Ele também parece ser o mais bem-sucedido na transição para o online, [tendo reportado recordes de venda na pandemia](#). Profissionais do mercado afirmam que isso pode ser explicado por essas galerias praticarem preços mais acessíveis, que funcionam melhor no ambiente virtual, e por atraírem clientes mais jovens e, portanto, acostumados a esse universo.

Fernanda Resstom, que fundou a galeria Central há quatro anos, argumenta que, no caso das feiras virtuais, ainda há uma outra vantagem para espaços como o dela. Nas feiras presenciais, ela diz, as galerias são agrupadas por tipo —as de mercado secundário estão em um local, contemporâneas em outro. No online, porém, não há esse filtro, e os colecionadores acabam ficando mais abertos para conhecer novas propostas.

Resstom afirma que teve uma performance de vendas muito melhor na SP-Arte virtual do que nas edições presenciais do evento. Enquanto em anos anteriores ela chegou a vender menos de dez obras, na última feira ela vendeu quase todos os mais de 20 trabalhos que exibiu.

Agora, na SP-Foto, ela pretende repetir o feito com um projeto que tem como espinha dorsal um conjunto de obras de Gretta Sarfaty —a artista está em cartaz em "Farsa", no Sesc Pompeia. E com preços um pouco maiores daqueles praticados na galeria, que começam abaixo dos R\$ 1.000. Na feira, a seleção vai de cerca de R\$ 5.000 até mais de R\$ 200 mil.
